

# IMPACTO DA COVID-19 NAS FAMÍLIAS SANTOMENSES



**Dezembro de 2020**



# Monitorando Impactos da Covid-19 nas Famílias Santomenses

## Resultados do Inquérito Realizado por Telefone

### Destaques do Inquérito

- ✓ Os agregados familiares de STP estão bem cientes da Covid-19 e a grande maioria conhece e pratica os comportamentos necessários para reduzir os riscos de contrair e espalhar o vírus.
- ✓ Aproximadamente uma a cada 5 crianças que frequentavam a escola antes da pandemia não está participando de atividades de ensino à distância. Dentre às que estão, o meio mais comum é através de programas de TV educacionais.
- ✓ Houve uma queda considerável na renda dos indivíduos desde o início da pandemia. 51% dos trabalhadores assalariados relataram queda de seus ganhos. Para os setores agropecuários e de negócios familiares não agrícolas essa proporção chega a 71% e 86%, respectivamente.
- ✓ Houve uma redução considerável do emprego nas áreas urbanas e rurais. Essa redução foi pior para famílias chefiadas por mulheres ou com baixa escolaridade.
- ✓ Cerca de 10% das famílias entrevistadas reportaram dificuldades de acesso a itens de alimentação básica por causa da pandemia, e mais de metade reportou dificuldades de acesso a medicamentos.
- ✓ Há um impacto preocupante na segurança alimentar das famílias, com uma alta proporção de entrevistados relatando pular refeições ou ficar um dia inteiro sem comer. Esses resultados são mais proeminentes em agregados familiares urbanos, agregados chefiados por mulheres, e agregados com baixa escolaridade.

### Introdução

Em São Tomé e Príncipe (STP) os primeiros casos de COVID 19 registados foi no dia 06 de Abril de 2020. Desde então, o Governo implementou medidas rigorosas para conter a propagação do vírus. Além disso, o encerramento dos espaços aéreos fez diminuir drasticamente as actividades de transportes aéreo, dificultando a realização de umas das actividades mais importantes do país que é Hotel e Restauração (Turismo), bem como as actividades de Comércio dos produtos não alimentares.

A pandemia Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais nas famílias criaram uma necessidade urgente de dados atualizados para ajudar a monitorar e mitigar os impactos da crise e proteger o bem-estar dos menos favorecidos na sociedade santomense. Para monitorar como a pandemia Covid-19 está a afetar a economia e a população de STP e para fundamentar com dados as políticas de resposta, o Instituto Nacional de Estatística de STP (INE) elaborou e conduziu um Inquérito de Monitoramento Familiar (*Household Monitoring Survey - HMS*) por telefone, com apoio técnico do Banco Mundial. Com apoio das Nações Unidas, o inquérito foi expandido para incluir um questionário para empresas informais.

O presente relatório sintetiza os principais resultados do primeiro *round* do HMS, realizado entre 26 de Julho e 08 de Agosto de 2020. Os resultados são baseados em uma amostra de 1.400 agregados, dos quais 1.025 responderam de forma completa aos questionários. Os agregados familiares participantes estão distribuídos por áreas urbanas e rurais em todo território nacional. O questionário de vinte e cinco minutos cobre tópicos como o conhecimento sobre a Covid-19 e medidas de mitigação, acesso a

atividades escolares durante o encerramento de escolas, alterações na renda familiar, emprego, acesso a serviços de saúde, segurança alimentar, e assistência recebida.

### Conhecimento e comportamento em resposta à Covid-19

Para evitar a propagação da Covid-19 e garantir que medidas para retardá-la, como restrições à mobilidade e encerramento de mercados, são eficazes, é essencial que as pessoas estejam cientes da necessidade de mudar seus comportamentos - 94% dos agregados familiares acredita na existência de COVID-19 no país, independentemente do meio de residência como pode-se verificar na tabela 1.

**Tabela 1 - Agregados Familiares que acreditam na existência de COVID 19 no país (%)**

	Nacional	Urbano	Rural
Sim	94	95	93
Não	6	5	7

Os entrevistados relataram estar bem informados sobre as ações para reduzir a propagação e quase todos indicaram que tomam medidas para reduzir o risco de contrair a Covid-19. Cerca de 99% dos entrevistados lavam as mãos, 95% evitam apertos de mão ou cumprimentos físicos e uma proporção semelhante evita

aglomerações (Tabela 2). As diferenças de comportamento entre as áreas urbanas e rurais do país foram relativamente pequenas. É importante ter em mente que alguns cuidados devem ser aplicados na interpretação desses resultados, pois geralmente há uma tendência de supernotificação de mudanças positivas de comportamento em pesquisas como o HMS.

**Tabela 2 - Que medidas o seu agregado adoptou para reduzir o risco de contrair Coronavírus? (% de agregados)**

	Urbano	Rural	Nacional
Lavar as mãos	99.5	97.9	98.9
Evitar aperto de mãos ou cumprimentos físicos	99.9	87.8	95.2
Utilização de máscaras/luvas	99.7	98.6	99.3
Evitar viagens	96.0	79.1	89.3
Ficar em casa	97.9	88.4	94.2
Evitar aglomerações	98.6	88.8	94.7
Manter distanciamento	98.8	97.2	98.2
Evitar tocar o rosto	95.6	77.1	88.4
Evitar tossir livremente	97.6	80.8	91.0

### Medidas de Resposta Governamentais

O inquérito também mediu até que ponto a população está ciente das ações do governo para reduzir a disseminação da COVID-19. As medidas governamentais mais lembradas pelos agregados familiares foram o aconselhamento para ficar em casa e o incentivo ao isolamento social, sendo mencionadas por 83% das famílias santomenses. Outras ações como o encerramento de escolas e empresas não essenciais foram relatadas por menos da metade dos entrevistados, correspondendo a 44% e 30% das famílias, respectivamente. Políticas assistenciais como o fornecimento de alimentos foram lembradas por 31% das

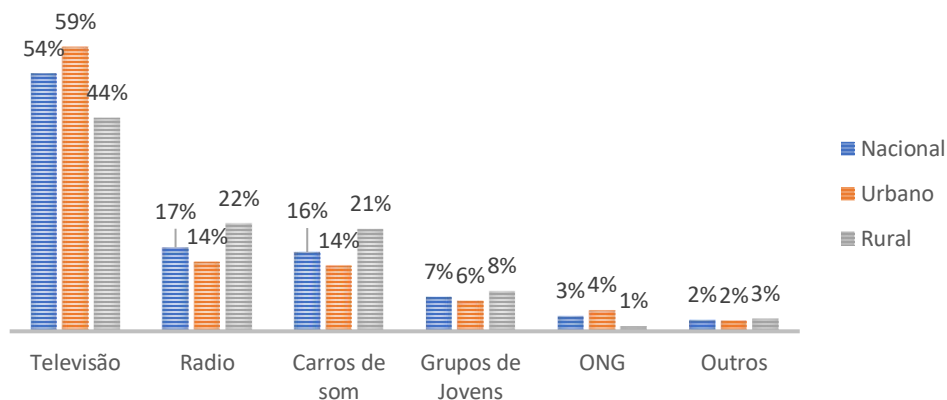
famílias entrevistadas. De modo geral, a percepção da presença de medidas governamentais foi maior dentre as famílias residentes nas áreas urbanas de STP (Tabela 3).

O principal meio de transmissão das informações sobre a Covid-19 foi a televisão (54%), seguida pelo rádio (17%) e pelos carros de som (16%) (Figura 1). Entretanto, quando analisada pela óptica das famílias rurais a TV como principal fonte de informações cai para 44% e a importância do rádio e dos carros de som aumenta para, respectivamente, 22% e 21%.

**Tabela 3 - Que medidas tomou o governo/ autoridades locais para conter a propagação do Coronavírus na sua área? (% de agregados)**

	Urbano	Rural	Nacional
Aconselhou os cidadãos a ficarem em casa	88.1	76.0	83.4
Viagens nacionais limitadas	37.2	17.2	29.3
Viagens internacionais limitadas	38.9	25.2	33.5
Encerramento de escolas e universidades	47.8	38.6	44.2
Isolamento / Confinamento	88.1	75.2	83.1
Encerramento de empresas não essenciais	35.7	20.2	29.6
Construção de mais hospitais ou arrendamento de hotéis para pacientes	29.1	21.8	26.3
Fornecer os alimentos necessários	34.4	24.7	30.6
Clínicas e locais de análises abertos	19.9	7.9	15.2
Divulgação de conhecimentos sobre o vírus	44.6	42.5	43.8
Não sabe / outras	12.9	13.3	13.0

**Figura 1 - Qual foi o principal meio de transmissão das informações sobre Covid19?**



### Acesso a itens de primeira necessidade

Ainda há muita incerteza sobre como a Covid-19 e as medidas de restrição associadas afetarão a disponibilidade de medicamentos e alimentos básicos. Os entrevistados do HMS foram questionados se as suas famílias conseguiram comprar alimentos e medicamentos (remédios) suficientes durante a semana anterior à realização do inquérito.

Os alimentos básicos foram separados em três grupos: hidratos de carbono (pão, arroz, etc.), proteínas (peixes, carnes, ovos, etc.), e vegetais (tomate, cebola, alho, etc.). Cerca de 9% dos agregados informaram não terem conseguido comprar hidratos de carbono e vegetais, no caso das proteínas essa proporção sobe para 13%. De modo geral, não há grande diferença de acesso a alimentos básicos por famílias vivendo em áreas urbanas e rurais. Na comparação entre agregados chefiados por homens e agregados chefiados por mulheres, há uma diferença de 8p.p. no acesso a alimentos proteicos (Tabela 3), o que indica maior dificuldade na obtenção desse tipo de alimento em lares chefiados por mulheres.

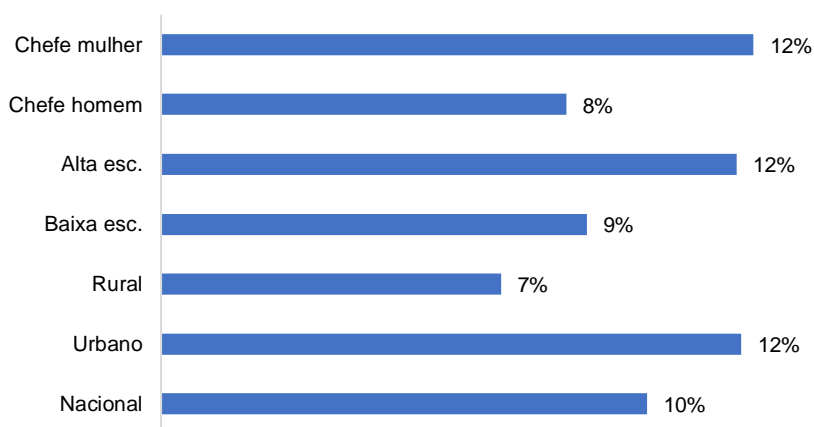
O acesso a medicamentos apresenta um cenário pior, em que mais da metade das famílias (54%) informou não ter conseguido comprar medicamentos na semana anterior ao inquérito. Essa proporção sobe para 61% quando analisamos apenas agregados chefiados por mulheres (Tabela 3).

**Tabela 4 – Agregados familiares que não conseguiram comprar alimentos básicos (%)**

	Nacional	Urbano	Rural	Chefe homem	Chefe mulher
Alimentos Básicos (Pão, arroz, etc)	9	9	8	8	10
Alimentos Básicos 2 (Peixe, carne, ovos, etc)	13	14	10	9	17
Alimentos Básicos 3 (Legumes e vegetais)	9	11	6	8	10
Medicamentos	54	59	47	49	61

As informações de acesso aos serviços de saúde demonstram que 10% das famílias tiveram dificuldades para obter serviços de saúde (figura 2). As famílias com maior grau escolarização são as que mais procuraram os serviços de saúde, bem como as chefiadas por mulheres.

**Figura 2 - Agregados familiares que tiveram dificuldade em obter o serviço de saúde devido COVID**

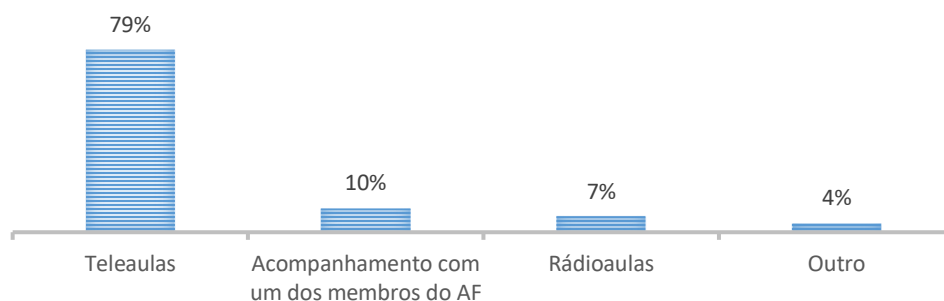


## Acesso à Educação

Em 17 de Março de 2020, o governo encerrou as escolas que estavam a funcionar no país. Além dos alunos perderem dias de aula, o encerramento de escolas pode privar as crianças de famílias pobres de uma fonte de alimentação, pois elas muitas vezes dependem de programas de alimentação escolar. O encerramento temporário também pode levar ao abandono escolar permanente de crianças em famílias pobres. A longo prazo, impactos dos meses perdidos de ensino e nutrição serão particularmente graves para crianças em famílias pobres, uma vez que comprometerá o desenvolvimento do capital humano e o de potencial renda futura.

O inquérito perguntou às famílias se alguma criança estava na escola antes do início do surto e se elas agora estão envolvidas em alguma atividade de aprendizagem. Cerca de 69% dos agregados familiares têm filhos em idade escolar e, destes, 95% frequentavam a escola antes do surto. Após o fecho das escolas, 16% dos alunos não receberam atividades de aprendizagem. Dos 84% que continuaram envolvidos em atividades de aprendizagem, a principal foram as teleaulas, realizadas por 79% dos alunos, seguida pelo acompanhamento de outros membros da família (10%) e rádioaulas (7%) (Figura 2). Não há diferenças significativas entre famílias que vivem na área rural ou urbana, e entre famílias chefiadas por homens ou mulheres.

**Figura 3 - Atividades de aprendizagem dos estudantes durante a pandemia**



## Fontes de Renda do Domicílio

Um dos canais pelos quais as famílias são afetadas negativamente pela pandemia é através da redução do seu rendimento. O HMS perguntou aos entrevistados sobre suas fontes de rendimento nos últimos 12 meses e, em seguida, perguntou se o rendimento dessa fonte específica aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu desde o início da pandemia. Dentre todas as fontes de rendimento das famílias no âmbito nacional, a mais comum é o emprego assalariado (27%), seguida pelas atividades de agropecuária familiar ou pesca (17%). Se for considerado apenas agregados familiares localizados em área rural essa relação se inverte, ou seja, a fonte de renda mais comum passa a ser a de atividades agropecuárias (26%) seguidas pelo emprego assalariado (24%) (Tabela 5).<sup>1</sup>

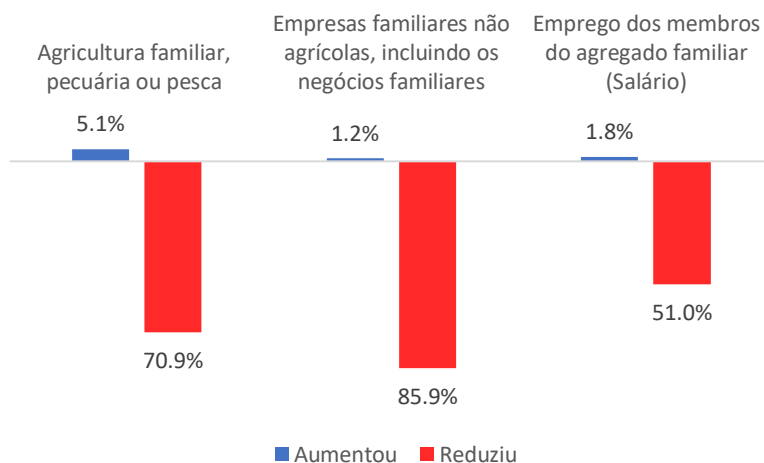
<sup>1</sup> Surpreendentemente, apenas 26% das famílias rurais relatam renda da agropecuária como meio de subsistência nos 12 meses anteriores. Parte da explicação para isso ocorrer pode ser dada pelo fato de que as famílias rurais

**Tabela 5 - Composição das fontes de rendimento das famílias (%)**

Tipo de rendimento	Nacional	Urbano	Rural
Agricultura familiar, pecuária ou pesca	17.2	12.3	25.6
Empresas familiares não-agrícolas, incluindo os negócios familiares	9.5	10.1	8.3
Emprego dos membros do agregado familiar (Salário)	27.1	28.7	24.4
Remessas do estrangeiro	3.3	3.5	2.8
Remessas dentro do país	3.7	2.8	5.2
Assistência do Governo	2.3	2	2
Assistência financeira de amigos/família	6.0	6.5	5.0
Outras	33.2	36.1	28.7

#### Mudança nos rendimentos desde o início da pandemia

Dentre as três fontes de rendimento mais comuns nas famílias santomenses, a receita de empresas familiares não-agrícolas foi a que apresentou a redução mais acentuada (Tabela 6). Cerca de 86% das famílias que citaram empresas não-agrícolas como fonte de rendimento nos últimos 12 meses relataram uma diminuição de seus ganhos após o início da pandemia. O rendimento da agropecuária obteve a segunda maior queda, apresentando diminuição para 71% das famílias. No caso das famílias que relataram emprego assalariado como fonte de rendimento, 51% viram mudanças negativas nos seus salários desde a eclosão da pandemia - destacando o forte contraste entre o impacto da crise nos trabalhadores nos setores formal e informal/autônomo.

**Figura 4 - Mudança nos rendimentos desde o início da pandemia (% de agregados)**

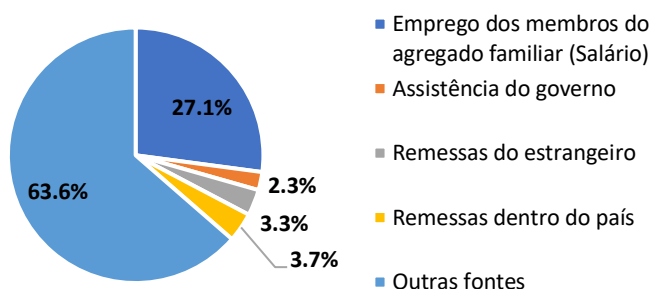
As famílias que relataram a redução da rendimento proveniente de empresas familiares não-agrícolas foram perguntadas sobre o principal motivo por trás dessa redução. O baixo número de clientes foi apontado por 42% dos agregados familiares, seguido pela necessidade de encerramento dos negócios devido às restrições de combate ao Coronavírus, que

que produzem para fins de subsistência e não vendem nenhum excedente, não registram receita direta dessa atividade. Além disso, o fato de o HMS ser uma pesquisa por telefone significa que é provável que as famílias rurais mais pobres não estejam devidamente representadas por causa da dificuldade de conexão ou porque não possuem um telefone funcional.

impactou 32% das empresas. Todos os outros motivos foram apontados por menos de 10% dos agregados.

Apesar da ajuda do governo às famílias, verificou-se que esse tipo de rendimento chegou a apenas 2,3% dos agregados familiares. Não obstante o encerramento das instituições do estado e não só, o rendimento do trabalho foi de 27,1%. Ficando as remessas proveniente do estrangeiro e dentro do país com 3,3% e 3,7% respetivamente.

**Figura 5 - Famílias que tiveram rendimento de trabalho, assistência do governo e remessas como fonte de rendimento nos últimos 12 meses**



## Emprego

A pandemia teve um impacto considerável no emprego a nível nacional (STP), com a imposição de medidas de saúde pública, incluindo o encerramento da maioria das empresas e a suspensão dos serviços de transporte doméstico e internacional. Cerca de 81% dos entrevistados relataram que

tinham um emprego no mês anterior à pandemia. A proporção de pessoas empregadas era maior entre os chefes de família homens (87%) se comparada às chefes de famílias mulheres (75%). Desde o início da pandemia, o emprego caiu significativamente com apenas 57% dos entrevistados relatando ter feito algum trabalho remunerado na semana anterior à pesquisa (Tabela 6). A queda no número de empregados foi mais expressiva para entrevistados com alta escolaridade, característica definida por indivíduos que possuem mais do que o ensino básico completo, totalizando uma queda de 32p.p. na comparação do período atual e pré-Covid. Em seguida, temos o grupo de mulheres chefes de família e o grupo de residentes de áreas urbanas com uma diferença de 28p.p. em ambos os casos.

**Tabela 6 - Porcentagem de respondentes empregados antes e durante a pandemia**

	Nacional	Urbano	Rural	Baixa esc.	Alta esc.	Chefe homem	Chefe mulher
Atual	57	52	63	60	52	64	47
Pré-Covid	81	80	83	78	84	87	75

## Segurança Alimentar

Para avaliar a segurança alimentar dos santomenses durante a pandemia, os entrevistadores realizaram perguntas gerais sobre a alimentação do agregado familiar. Cerca de metade dos entrevistados relataram que, nos últimos 30 dias, eles próprios ou algum outro adulto da família pularam alguma refeição por não terem comida suficiente para comer ou por falta de recursos (Tabela 7). Se considerarmos apenas famílias vivendo em área urbana a situação é pior, com 52% dos domicílios nessa situação, um valor 9 p.p. acima das famílias que vivem em área rural. A diferença entre famílias que possuem um chefe com alta escolaridade, característica definida por indivíduos que possuem mais do que o ensino básico completo, e aquelas com um chefe com baixa escolaridade é considerável, sendo o caso de 39% e 55% das famílias,



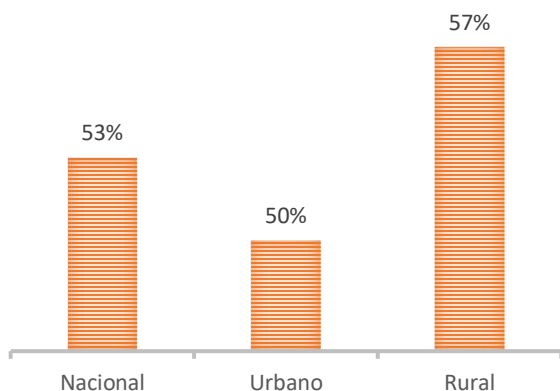
respectivamente. Agregados familiares chefiados por mulheres também apresentaram pior resultado (54%) em comparação àqueles chefiados por homens (44%).

Quando perguntados se, nos últimos 30 dias, eles próprios ou algum outro adulto da família passaram um dia inteiro sem comer por não terem comida suficiente ou por falta de recursos, 11% responderam de forma afirmativa. A proporção entre os diferentes grupos separados pelo gênero e pela escolaridade do chefe da família apresentaram conclusões semelhantes às mencionadas no parágrafo anterior. Nessa questão, não parece haver diferença significativa entre famílias urbanas e rurais (Tabela 7).

**Tabela 7 - Percentagem dos agregados familiares em que nos últimos 30 dias algum integrante...**

	Nacional	Urbano	Rural	Baixa esc.	Alta esc.	Chefe homem	Chefe mulher
...pulou uma refeição por falta de recursos	49	52	43	55	39	44	54
...passou o dia sem comer por falta de recursos	11	11	11	14	7	10	13

**Figura 3 – Proporção de entrevistados que relataram aumento nos preços de alimentos básicos**

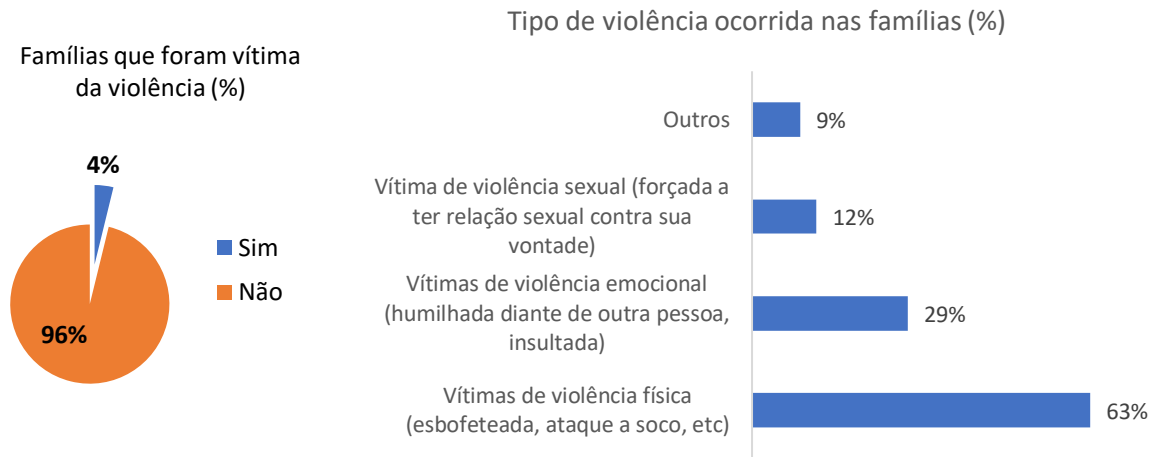


A escassez e a dificuldade de obtenção de alimentos também se reflete no preço dos produtos dessa categoria - 53% dos entrevistados relataram que o preços dos produtos alimentícios básicos aumentaram nos 14 dias anteriores a entrevista. Essa proporção sobe para 57% quando consideradas apenas famílias localizadas na área rural (Figura 3).

Dado que o HMS exclui respondentes sem acesso a um telefone, é razoável supor que tais indicadores de insegurança alimentar sejam ainda mais graves em uma amostra nacional mais amplamente representativa.

Os entrevistadores questionaram se as famílias foram vítimas ou presenciaram qualquer tipo de violência durante o período da pandemia, constatou-se que 4% foram vítimas de violência física, emocional e sexual, ilustrado na figura 7.

**Figura 7 - Agregados familiares que foram vítima de violência durante a pandemia e tipo de violência**



## Anexo I – Metodologia do Inquérito

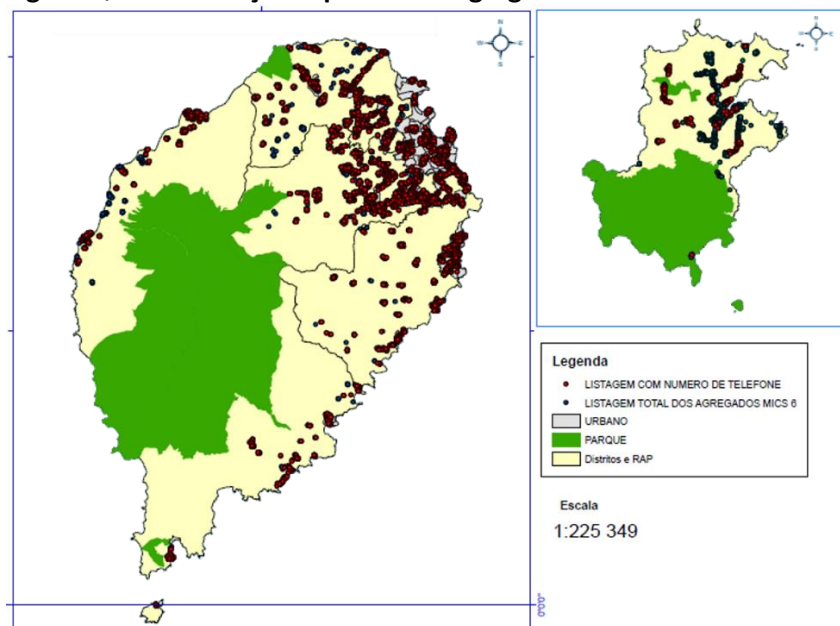
A pesquisa realizada por telefone monitora os impactos econômicos e sociais e as respostas à pandemia da Covid-19 nas famílias em termos de acesso a alimentos básicos, acesso a atividades educacionais durante o fechamento de escolas, dinâmica de emprego, renda familiar e meios de subsistência, perdas de rendimento e segurança alimentar. O conjunto de dados final será disposto em um painel de cerca de 1,000 domicílios que é representativo para áreas urbanas e rurais para domicílios com acesso a um telefone funcional.

Na medida do possível, as mesmas famílias e respondentes serão acompanhados por seis meses, com entrevistas por telefone a cada três meses. Esta frequência de entrevistas permite uma melhor compreensão dos efeitos da pandemia COVID-19 nas famílias, a fim de informar as políticas de resposta e monitorar os seus resultados. O entrevistado é normalmente o chefe da família. Caso essa pessoa não possa ser entrevistada apesar das inúmeras ligações, outro membro da família bem informado será selecionado como respondente.

A amostra do HMS consiste em uma subamostra da *Multiple Indicator Cluster Surveys (MICS)*, um inquérito realizado pelo INE em colaboração com a UNICEF, no ano de 2019. Ou seja, estão presentes no HMS os domicílios com acesso a um telefone, cobrindo áreas urbanas e rurais em todas as regiões de STP. O HMS ligou para todos os domicílios com número de telefone válido na MICS, completando 1,025 entrevistas (413 em zonas rurais e 612 em zonas urbanas).

Para mitigar os vieses de uma amostra que contém apenas agregados familiares detentores de telefones funcionais, foi realizado um procedimento de ajuste dos pesos amostrais pela metodologia de *Propensity Score Weighting (PSW)*. Após o procedimento, os resultados do HMS ficaram mais próximos da representatividade nacional de inquéritos realizados pessoalmente, como o próprio MICS 2019.

**Figura Q1 - Distribuição Espacial dos Agregados do MICS 2019**



Informações gerais do 1º *round* do inquérito:

- Período: 26 de Julho a 08 de Agosto.
- Entrevistas completas: 1.025 famílias (413 rurais e 612 urbanas)
- Duração média da entrevista: 25 minutos